

As ordens no paraíso por Ananda Carvalho

O trabalho artístico de Alice Lara elabora discussões sobre a representação do animal não humano e as relações deste com os humanos. Para iniciar este texto, é importante pontuar sobre a experiência de vida da artista. Alice sempre morou na zona rural do Distrito Federal e há apenas dois anos reside em São Paulo, desenvolvendo um mestrado na USP. Na Temporada de Projetos, apresentou uma série de pinturas desenvolvidas a partir de uma pesquisa no zoológico de São Paulo. Durante este período, com a autorização oficial da instituição, acompanhou o trabalho de diferentes funcionários e suas relações com os animais.

Na produção das pinturas desta exposição, Alice reflete sobre a visita ao zoológico, concentrando seu olhar para os dioramas, espécie de cenários construídos nas jaulas. Esses cenários são atravessados pela perspectiva da experiência. Quem já não foi ao zoológico e ouviu uma criança frustrada por que o leão (ou outro animal) estava escondido atrás de uma árvore dormindo? Em algumas de suas pinturas, os animais ocupam apenas uma parte do enquadramento e não estão em primeiro plano, como em *Onça dando a patinha*. Em *Recinto das cobras* e *Recinto azulado das cobras*, as cobras se misturam aos galhos. *Recinto dos elefantes* propõe uma vista do animal através das grades. Em *Urubus e cágados*, os animais são posicionados sobrepostos, permitindo uma vista parcial de seus corpos.

As pinturas de Alice experimentam pinceladas em intensidades distintas, dando a ver imagens mais figurativas em meio a outras mais abstratas. É interessante observar que a artista utiliza fundo gesso-crê na preparação de suas telas. A técnica, típica de pintores de Brasília, oferece uma textura mais aveludada e um fundo com um tom de bege. Durante o processo, desenha alguns esboços com carvão, que algumas vezes permanecem como traços do gesto artístico. Constrói diferentes camadas com tinta acrílica e tinta óleo e, por fim, seleciona os elementos que considera como mais importantes com verniz de cera. As pinturas de diferentes tamanhos também exploram espaços vazios da tela. Desse modo, a composição dos elementos parece brincar com o foco de uma câmera fotográfica e os múltiplos pontos de vista.

Essa questão aparece também na expografia montada no Paço das Artes. Assim como o local onde vivem os animais no zoológico, o espaço expositivo é construído como um cenário. A cor da parede remete a um universo infantil e a instalação de plantas, que dependendo do ângulo observado, impedem a visão total de algumas pinturas. A organização das telas no espaço expositivo também reflete sobre a experiência do público. As pinturas em que os visitantes são apresentados foram posicionadas no início da sala. Alice chama a atenção para a subjetividade da seleção de perspectivas, tratando da impossibilidade do que pode ser visto. Assim como a criança em *Menina olhando ariranha* e *Menina, ariranha e bolsa de gatinho*, o público da

exposição *As ordens no paraíso* tem que procurar, perscrutar e, de tempos em tempos, dar uma olhadela.

A dificuldade de visualizar um animal por inteiro é também um procedimento para desconstruir a metáfora de paraíso. Pode-se afirmar que é uma tentativa de não reproduzir a perspectiva idílica da natureza nos espaços do zoológico ou o ideal bíblico de todos os animais juntos na arca de Noé. É possível especular também sobre um retrato do contexto do ser humano: pequenos zoológicos seriam uma metáfora para os seres humanos isolados (ou alienados?) na sua vida urbana cotidiana?

Durante o tempo que passou visitando o zoológico, Alice acompanhou as especificidades do seu funcionamento. Essa perspectiva do cotidiano do local emerge para refletir sobre um viés que não fica restrito aos animais. Em *Juju e Rita*, a tratadora, sem rosto, aparece no canto do quadro em meio às folhagens. Por outro lado, um produto do seu trabalho emerge em *Bandeja de frutas, pássaros e ratos para alimentação das lobas guarás*, uma espécie de natureza-morta (se recorrêssemos aos gêneros da pintura para classificá-la).

A artista comenta que “a opressão do animal sempre vem acompanhada da opressão dos sujeitos humanos, especificamente nesse ambiente, tendo suas vagas de emprego e direitos trabalhistas ameaçados, desconsiderando a insalubridade e a complexidade de suas profissões, historicamente desvalorizadas”. E, aqui podemos pensar não apenas na situação do zoológico, mas no cotidiano de grande parcela da população mundial. Nas conversas que tive com a artista, concordamos que seu trabalho parte de um tema específico, mas a discussão engloba questões mais gerais sobre os atravessamentos entre natureza e cultura, considerando perspectivas sociológicas, entre outras. Diante dessa exposição e do contexto atual, ecoa a pergunta, como você, leitor, posiciona-se e age em relação a natureza que lhe rodeia?

Professora Adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), crítica de arte e curadora; doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Sua área de pesquisa concentra-se na arte contemporânea com ênfase em curadoria e processos de criação de exposições. É coordenadora do projeto de extensão Processos de Criação em Curadoria. Sua pesquisa de doutorado (com apoio de bolsa CNPq) enfocou os procedimentos curatoriais em exposições de arte contemporânea. Em sua pesquisa de mestrado (com o apoio de bolsa CNPq) estudou os documentários brasileiros contemporâneos incorporando as confluências entre documentário e videoarte. Foi professora de cursos de pós-graduação na área de artes na FAAP (2017) e na FPA (2015) e ministrou cursos e oficinas sobre curadoria, processos de criação, projetos e portfólios em diversas cidades brasileiras. É pesquisadora do grupo 3P: Práticas e Processos da Performance (CNPq/UFES) e vice-líder do grupo de pesquisa em processos de criação (CNPq/PUC-SP). É co-organizadora das

publicações *Performatividade|Memória* (2015) e *Sobre Artistas como Intelectuais Públicos: Respostas a Simon Sheikh* (2012). Desde 2009, escreve, pesquisa e produz curadorias contempladas por editais de instituições públicas e privadas, em galerias comerciais e em espaços independentes. Entre suas curadorias recentes destacam-se *Experiência-Desenho* (Oficina Cultural Oswald de Andrade (PROAC Obras e Exposições, 2018), *Instauração* (Sesc Belenzinho, SP, 2017) e *toque-me* (Funarte Brasília, 2015). Desenvolveu acompanhamento crítico de projetos em diversas instituições (como Paço das Artes e MIS-SP) e foi crítica convidada do projeto *A HISTÓRIA DA _RTE* (Rumos Itaú Cultural, 2015-2016), do projeto *Tempestade* (PROAC Artes Integradas, 2016) e da residência rural *scapes* (2015 e 2014).